

O EMPRETEC COMO POLÍTICA PÚBLICA DE EMPREENDEDORISMO

EMPRETEC AS A PUBLIC POLICY FOR ENTREPRENEURSHIP

Iuly Hirahata Nakao 1
Vitor Hugo Kim Kasikawa Pereira 2
Natalia Fingermann 3
Caio Flávio Stettiner 4
Roberto Padilha Moia 5
Alex Paubel Junger 6

Fatec Sebrae. E-mail: jp_lihina@hotmail.com 1

Fatec Sebrae. E-mail: vitorkasikawa@gmail.com 2

Fatec Sebrae. E-mail: nataliafinger@yahoo.com.br 3

Unifaccamp. E-mail: cstettiner@gmail.com 4

Universidade São Caetano do Sul. E-mail: robertopadilha@uol.com.br 5

Faculdade Tecnológica Termomecânica / UFABC. 6
E-mail: alexpaubel@hotmail.com

Resumo: Estudo de caso que busca analisar o Empretec como política pública voltada ao empreendedorismo. Para isso serão apresentados conceitos e definições de empreendedorismo, bem como análise dos dados disponibilizados pela Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) a respeito do programa por ela criado e gerido, bem como dados regionais a fim de verificar a real importância dessa política para o cenário empreendedor.

Palavras-chave: Empreendedorismo; Empretec; UNCTAD; SEBRAE

Abstract: This Case study that seek to analyze Empretec as a public policy focused on entrepreneurship. To this end, concepts and definitions of entrepreneurship will be presented, as well as analysis of the data made available by the United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD) on the program created and managed by it, as well as regional data to verify the real importance of this policy for the entrepreneurial scenario.

Keywords: Entrepreneurship ; Empretec; UNCTAD; SEBRAE

Introdução

Segundo Dye (1984), Políticas Públicas são, em síntese, “o que o governo escolhe fazer ou não fazer”. Nesse sentido, partimos para uma imersão em um estudo de caso de uma política pública voltada à área de empreendedorismo.

Existem diversos conceitos e visões antagônicas que buscam definir o que são políticas públicas. De maneira geral, podemos classificá-los pela visão estatista (ou estadocêntrica) e pela multicêntrica (ou policêntrica). A primeira crê que é somente aquela política formulada e aplicada pelo Estado, enquanto a segunda acredita que podem haver outros protagonistas nesse processo quando se busca a resolução de um problema que é público.

Nos valendo da visão multicêntrica e do conceito - que política pública é, segundo Peters (1986), a soma de atividades dos governos, que agem diretamente ou através de delegação, e que influenciam na vida do cidadão - o presente estudo busca analisar o Empretec, uma política pública formulada pela Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), e que é aplicada nacionalmente por Centros Empretec, variando de país para país (no Brasil ele é aplicado desde 1993 exclusivamente pelo SEBRAE).

Para isso, realizamos um levantamento bibliográfico e uma análise documental dos dados encontrados, buscando compreender e fazer questionamentos quanto a validade de funcionalidade do Empretec como política pública global e seu impacto no cenário empreendedor.

No primeiro momento, veremos a visão que a UNCTAD possui sobre o empreendedorismo e o empreendedor. Posteriormente, iremos explorar tanto a parte histórica quanto teórica a respeito do empreendedorismo. Em nossa terceira e quarta parte, será abordado os dados levantados a respeito do Empretec no mundo e no Brasil, respectivamente. Para finalizar, realizamos um apunhado geral do que fora abordado, bem como realizamos questionamentos a respeito dos dados encontrados e chegamos a algumas conclusões sobre o tema.

Os principais achados do estudo indicam que o Empretec como política pública tem apresentado sucesso em sua missão de capacitar e incentivar o empreendedorismo em países em desenvolvimento. Seu maior sucesso é o caso brasileiro, ao qual corresponde a mais da metade dos participantes, entretanto, devido a contratos de confidencialidade entre o órgão responsável pela aplicação (Sebrae) e seus participantes e a falta de dados público, não pudemos verificar com maior afinco e profundidade o real desempenho do programa em território brasileiro. Mas independentemente, os dados levantados indicam um sucesso como política pública voltado ao empreendedorismo.

O que é empreendedorismo segundo a UNCTAD

O empreendedor é o indivíduo que identifica oportunidades em um mercado, aloca recursos e cria valor. O empreendedorismo, ou ato de ser empreendedor, pode ser traduzido como a capacidade e a disposição de transformar conceitos em empreendimentos, organizando e gerindo de forma a produzir um novo negócio, sabendo aceitar todos os riscos da operação e tendo como recompensa o lucro do mesmo.

Segundo a UNCTAD, o empreendedorismo é um componente vital para o crescimento econômico e desenvolvimento, pois a criação de novos negócios pode gerar empregos, aumento da arrecadação fiscal, inovações e geração de valor, além da possibilidade de contribuir com transformações estruturais, criação de novas indústrias e para melhores condições de trabalho para mulheres, jovens e outros grupos que são colocados em desvantagem.

Empreendedorismo

A palavra “empreendedor” tem origem no termo francês *entrepreneur*, datada do século XII, em que designa “aquele que incentiva brigas” (OLIVEIRA, 2015). Com o tempo passa a se referir a quem cria e conduz um projeto ou atividade significativa, tendo como função a compra de matéria-prima, com capital próprio, para depois processá-la e revendê-la a fim de obter lucro, contudo fica a confusão entre empreendedor e capitalista. De fato, é com o início da industrialização, no século XVIII, que o importante economista Richard Cantillon busca diferenciar ambos, apontando que o capitalista assume o risco de forma passiva (fornecendo capital), enquanto o empreendedor assume papel ativo, correndo tanto riscos físicos como emocionais (DORNELAS, 2008; GABRIEL, 2013).

No século XIX, o termo passa a identificar os indivíduos mais arrojados, os quais estimulam o progresso econômico à medida que descobrem novas e melhores formas de fazer as coisas (DEES, 2001), conceito normalmente atribuído ao economista francês Jean Baptiste Say, que diz: “O empreendedor movimenta recursos econômicos de uma área de baixa produtividade para outra de maior produtividade e rendimento”, gerando maior valor ao fazer com que o preço pago pelos clientes seja mais alto que o gasto com a produção. Pela “Lei de Say”, a produção também concebe a sua própria demanda.

Para tanto, Say complementa que o empreendedor “deve ter capacidade para julgar, perseverança e um conhecimento do mundo tanto quanto do negócio. Ele deve possuir a arte de superintendência e administração” (SAY, 1803). Talvez por conta disso, entre o fim do séc. XIX e início do XX, o empreendedor passa a ser confundido com o administrador, sendo analisado meramente pelo ponto de vista econômico, como quem organiza, planeja, dirige a empresa, mas sempre a serviço do capitalista (DORNELAS, 2008). É evidente que todo empreendedor precisa ter competências administrativas, contudo é preciso ficar claro que nem todo administrador é um empreendedor.

No séc. XX é Joseph Schumpeter quem ganha notoriedade, descrevendo os empreendedores como os inovadores que conduzem o processo “criativo/destrutivo” do capitalismo, sendo os agentes da mudança da economia e incentivando o avanço econômico ao servir novos mercados ou criar novas formas de fazer as coisas (DEES, 2001). Em suas palavras, “a função dos empreendedores é reformar ou revolucionar o padrão de produção”, destruindo “a ordem econômica existente pela introdução de novos produtos e serviços [exploração de invenções], pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recursos e materiais [alternativas tecnológicas aprimoradas]” (SCHUMPETER *apud* DORNELAS, 2008, p.22). Com isso, Schumpeter dá ênfase ao indivíduo em detrimento às instituições, sendo estas últimas apenas um veículo ou até um obstáculo para ser transpassado, construindo a ideia do empreendedor com qualidades extra-humanas (DEVINE, 2002 *apud* MARTES, 2010).

Autores mais contemporâneos acrescentam que, apesar da ideia principal de catalizadores e inovadores, a essência do empreendedorismo não está limitada a tais características. Na década de 1970, Peter Drucker, considerado “pai da administração moderna”, argumenta que não é papel do empreendedor provocar mudanças, mas sim de explorar as oportunidades geradas pela mudança (de tecnologia, demanda, normas sociais, etc.), de se arriscar, ou seja, “o empreendedor está sempre à procura da mudança, reage à mudança e explora-a como uma oportunidade” (DEES, 2001). Com isso, para Drucker, começar um negócio não é condição necessária nem suficiente para o que se entende como empreendedorismo, nem mesmo o objetivo lucrativo, dando como exemplo a criação da “universidade moderna” (*idem*).

Como podemos observar até aqui, há uma variedade de propostas de definição do termo empreendedor, inclusive com o surgimento do conceito de “intra-empreendedor” em 1985, por Gifford Pinchot, a fim de classificar o empreendedor dentro de uma organização já existente (GABRIEL, 2013) também valorizando-se a interdisciplinaridade do conhecimento e da experiência. Para tanto, pode-se dizer que a teoria sobre o empreendedorismo divide-se em econômica (relação entre empreendedorismo e inovação, risco calculado e desenvolvimento) e comportamental (comportamento, personalidade, perfil do empreendedor).

A econômica tem Cantillon como precursor, com fundamentação também em Adam Smith e Say, e depois revista por Keynes, Schumpeter e Marshall. Daqui surgem as concepções, de correr riscos, do aproveitamento de oportunidades, uso de capital próprio, criação de demanda a partir

da oferta (estímulo através da persuasão), e principalmente da inovação e agentes de mudança, com novas combinações do mesmo negócio, introdução de novo bem no mercado, criação de novo método de produção e/ou comercialização de mercadorias, novas fontes de matérias-primas, alteração da estrutura de mercado vigente (quebra de monopólio), etc. (GABRIEL, 2013; OLIVEIRA, 2015). De modo geral, o foco mantém-se na criação de novas empresas e caráter inovador, abordando novos nichos de investimento, produto ou negócios.

No lado da teoria comportamental, com base behaviorista, estão psicólogos, psicanalistas, sociólogos, antropólogos, entre outros, cujo objetivo é ampliar o conhecimento sobre motivação e comportamento humano a fim de identificar e analisar o perfil de personalidade do empreendedor. De acordo com Fillion (1999 *apud* COSTA *et al.* 2011), esta perspectiva é dominante dos anos 1970 a 1980, em grande parte graças aos avanços nas ciências do comportamento e do trabalho de David McClelland, que evidencia as características psicológicas do empreendedor colocando-o como autônomo e dotado de iniciativa, com intuição e amor pelo seu trabalho, continuamente em busca de realização profissional e pessoal. (GABRIEL, 2013; OLIVEIRA, 2015)

Há ainda os estudos que são mais recentes e amplos, voltados para a área gerencial, concentrando-se nas habilidades e competências empreendedoras e sua relação com o espaço organizacional. Segundo Mello, Leão e Paiva (2006, p.48 *apud* COSTA *et al.*, 2011), tais competências relacionam-se “ao senso de identificação de oportunidades, à capacidade de relacionamento em rede, às habilidades conceituais, à capacidade de gestão, à facilidade de leitura, ao posicionamento em cenários conjunturais e ao comprometimento com interesses individuais e da organização”. Aqui encontramos o intraempreendedorismo, empreendedorismo institucional, social, coletivo, sustentável e o empreendedor como produto organizacional (OLIVEIRA, 2015). Há ainda os que trazem o empreendedorismo enquanto fomento tecnológico, criando, desenvolvendo e gerenciando empresas emergentes; como gestão (difusão da prática da gestão empreendedora); e como estratégia de desenvolvimento local integrado e sustentável, por meio do desenvolvimento de micro, pequenas e médias empresas (COSTA *et al.*, 2011; OLIVEIRA, 2015).

Saindo um pouco do foco do indivíduo empreendedor, Mazzucato (2014), aponta ainda o “Estado empreendedor”, ou seja, um órgão público como um dos principais promotores do empreendedorismo e não o “inimigo” do setor privado, em oposição aos neoliberais. Nesse sentido, o indivíduo não é independente e consegue realizar todo esse movimento empreendedor sozinho, tendo no Estado um grande apoio e fomento, seja com subsídios, investimentos em educação e P&D de longo prazo e mais arriscados, seja com parcerias com o setor privado.

Cada tentativa de teorizar sobre o assunto, possui um contexto histórico e compromissos ideológicos, políticos e morais próprios, diversificando as interpretações de acordo com seus diferentes interesses, denotando certa subjetividade ao assunto (OLIVEIRA, 2015). Alguns autores, inclusive, defendem que não há consenso em relação à conceituação do empreendedorismo, com tendência a ser um rótulo de significado vazio por significar simultaneamente tudo e nada. Como resultado, abre-se, de certa forma, a possibilidade de reflexão de cada um sob a ótica do próprio contexto (*idem*).

No caso do Brasil, o conceito de empreendedorismo se difunde no fim década de 1990, em que se relaciona diretamente com a necessidade de sobrevivência dos desempregados gerados pela globalização, ou seja, com a abertura do mercado interno para concorrência estrangeira, conseqüentemente surgindo a preocupação de criar estratégias para a diminuição da taxa de mortalidade desses pequenos empreendimentos, ou mesmo de empresas de todos os tamanhos tendo que se ajustar para competir (DORNELAS, 2008). Há também a motivação da economia gerada pela Internet, com o ápice de criação de negócios pontocom. É inclusive nesta década que surgem entidades como o Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e Softex (Sociedade Brasileira para Exportação de *Software*) (*idem*).

Empretec Mundo

O Empretec é uma metodologia desenvolvida pela Organização das Nações Unidas (ONU), através do Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento (PNUD) e da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (UNCTAD).

Nos anos de 1960, começa pela PNUD um grupo de estudo para busca de maneiras de fortalecimento de economias de países em desenvolvimento. A partir desse grupo de estudo, conclui-se que a melhor maneira seria através do fomento de pequena empresas.

Foram implementadas medidas como acesso ao crédito a juros menores, capacitação técnica e identificação de comportamentos em empreendedores de sucesso. A partir dos resultados satisfatórios na terceira medida, a UNCTAD decide focar na criação de um treinamento baseado nos estudos e trabalhos do psicólogo de Harvard David McClelland sobre empreendedores de sucesso.

A base da capacitação que se propôs em seguida se sustentaria em 10 características comportamentais essenciais, agrupadas em 3 conjuntos:

- I. Conjunto de realização:
 - a. busca de oportunidade e iniciativa;
 - b. persistência;
 - c. correr riscos calculados;
 - d. exigência de qualidade e eficiência;

- II. comprometimento;
 - a. Conjunto de planejamento:
 - b. busca de informações;
 - c. estabelecimento de metas;
 - d. planejamento e monitoramento sistemáticos;

- III. Conjunto de poder:
 - a. persuasão e rede de contatos;
 - b. independência e autoconfiança.

Durante os anos de 1970 e 1980 foram feitos estudos e testes de implementações, sendo incorporado a treinamentos existentes em vários países, como forma de moldar o programa proposto pela UNCTAD. Entre 1986 e 1989, o workshop desenvolvido foi ministrado a 505 pessoas de 18 países. Na América Latina foi lançado na Argentina em 1988, quando enfim recebeu o nome de Empretec (empreendedor + tecnologia), o qual foi adotado pela ONU, estendido e implantado em anos posteriores em países como Chile, Uruguai, Venezuela, Gana, Nigéria, Zimbábue e Brasil.

Atualmente o Empretec pode se constituir de: seminário de treinamento em empreendedorismo; desenvolvimento de pacotes gerenciais; pacotes de aconselhamento e atividades de cooperação (formação de redes). Sua vantagem é de poder ser aplicado a pessoas diferentes, desde empresários até funcionários públicos, não focando no tipo “empreendedor disruptivo”.

O programa é ministrado através de parcerias com centros locais dos países em que está presente, ao qual possuem capacidade técnico-operativa para oferecê-lo em seu país de origem, fazendo com que a quantidade de horas, formato e disponibilidade de serviços possa mudar conforme o local e órgão responsável. No quadro abaixo é possível observar a prestação dos principais produtos do Empretec nos Centros de cada país.

PRODUCTS AND SERVICES	EMPRETEC CENTRE																																	
	Argentina	Benin	Botswana	Brazil	Cameroon	Colombia	Dominican R.	Ecuador	El Salvador	Ethiopia	Gambia	Ghana	Guatemala	Guyana	India	Jordan	Mauritius	Mozambique	Nigeria	Panama	Paraguay	Peru	Romania	Russian Fed.	Saudi Arabia	South Africa	Tanzania	Uganda	Uruguay	Venezuela	Viet Nam	Zambia	Zimbabwe	
Entrepreneurship Training Workshops																																		
- standard 6-day ETW	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
- intrapreneurs/corporate ETW				✓				✓	✓	✓						✓	✓	✓	✓	✓						✓	✓	✓	✓				✓	✓
- micro-entrepreneurs & low-literacy groups		✓		✓			✓		✓	✓	✓	✓	✓				✓	✓	✓	✓						✓	✓	✓	✓			✓		✓
- women entrepreneurs		✓		✓			✓		✓	✓	✓	✓	✓	✓			✓	✓	✓	✓							✓	✓	✓			✓		✓
- young entrepreneurs, unemployed, graduates		✓		✓	✓	✓			✓	✓	✓	✓	✓			✓	✓	✓	✓	✓			✓	✓			✓	✓			✓	✓	✓	✓
Business planning	✓	✓		✓	✓	✓		✓		✓	✓	✓	✓				✓	✓	✓			✓				✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Advisory/consulting services	✓	✓		✓	✓	✓		✓	✓			✓	✓			✓	✓	✓	✓	✓			✓			✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Financial literacy, business financing workshops		✓		✓	✓	✓		✓		✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓			✓	✓			✓	✓	✓	✓			✓	✓	✓
Associations of empretec's & networking	✓	✓		✓	✓		✓	✓	✓							✓	✓	✓	✓	✓			✓			✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Entrepreneurship & innovation awards, competition	✓			✓			✓										✓									✓	✓	✓						
Trade fairs, business-to-business events		✓		✓		✓		✓		✓						✓	✓	✓	✓			✓				✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓

Fonte: UNCTAD, 2017, p.26

O componente crucial do programa é o Seminário de treinamento que objetiva desenvolver a motivação e promover mudanças comportamentais. Com base na pesquisa de McClelland e com elaboração da metodologia e implantação em vários países (incluindo o Brasil) feita pela mexicana Marina Fanning, é construído inteiramente por dinâmicas comportamentais, onde o participante é desafiado em atividades práticas com relação às características empreendedoras. Inicialmente com duração de 16 dias, passou para uma média de 10, sendo remodelado em 2008 para durar 6 dias, com total de 60h de treinamento.

Segundo dados de 1999, o custo de treinamento de um “empreteco” estava entre \$ 800 a \$ 2700, mas com clara tendência de queda nesse valor. De acordo com a UNCTAD, ao longo do tempo de existência, o Empretec recebeu apoio de várias agências locais e programas de assistência às pequenas empresas, estimando um valor de ao menos US\$ 35,3 milhões só entre 1989 e 1999 de governos locais e doadores multilaterais.

Para o programa ser implantado em novos países, deve ser solicitado à UNCTAD, que irá avaliar e selecionar organizações locais capacitadas e, quando não houver nenhuma, desenvolver uma estrutura própria e treinamento aos instrutores locais e acompanhamento até a devida certificação de legitimidade de nível internacional dada pela ONU.

Atualmente o programa se encontra com 30 anos de existência, estabelecido em 39 países, ao qual passaram pelo programa mais de 422.000 pessoas. Segundo dados da Empretec, no ano de 2016 houve 868 cursos com a participação de 21.100 empreendedores treinados. No quadro abaixo, alguns indicadores.

Table 1 - Selected indicators of impact from Empretec centres

	SALES		EMPLOYMENT		PROFITABILITY		NEW BUSINESSES	
	3 mth	12 mth	3 mth	12 mth	3 mth	12 mth	3 mth	12 mth
Argentina	+26%	+24%	+40%	+110%	+18%	+40%	+180%	+80%
Benin	+15%	+30% - +60%	-	+ 1 to 5 jobs per business	-	-	-	-
Cameroon	+5%	+10%	+1%	+3%	+5%	+10%	+2%	+5%
Gambia	+30%	-	+ 1 to 2 jobs per business		+20%	+25%	5 new businesses	12 new businesses
Mauritius	+29%	+61%	+10%	+19%	+24%	+69%	+37%	+47%
Venezuela	+15%	+40%	+20%	+30%	+25%	+35%	+3%	+6%
Zambia	+2%	+8%	0%	+5%	+2%	+10%	0%	+5%

Source: Empretec centres

Fonte: UNCTAD, 2017, p.10

Empretec no Brasil

O Empretec chega ao Brasil no ano de 1989 por meio do Banrisul (Banco do Estado do Rio Grande do Sul) na aplicação da metodologia em seu processo de seleção aos candidatos a um programa de crédito voltado a projetos de cunho tecnológico. Somente em 1993 que a metodologia passa a ser aplicada pelo Sebrae, e com o passar dos anos é disseminada por dentre todos seus escritórios regionais espalhados pelo país.

Atualmente o Empretec é ministrado exclusivamente pelo Sebrae que em seus quase 30 anos de existência foi responsável por capacitar cerca de 250 mil pessoas (dados de 2017), sendo o caso de maior sucesso do projeto internacional, onde por ano mais de 10 mil pessoas são capacitadas dentro dos 27 Estados da Federação. Apenas em São Paulo, estado mais ativo, foram uma média de 120 seminários por ano, com 20 a 30 participantes em cada.

Tal sucesso deve, em grande parte, pela capilaridade do Sebrae, havendo em 2001 54 *National Trainers* e outros 44 profissionais treinados para selecionar candidatos ao curso através de entrevista. O Empretec também tem papel central nas atividades da entidade, sendo um dos seus produtos mais importantes e inspirando outros cursos oferecidos.

Em 2008, o custo médio de cada participante era de R\$ 2.000, sendo que o participante pagava R\$ 500, com o restante sendo subsidiado pelo Sebrae. Aparentemente os valores atuais pagos pelos participantes variam de acordo com a região que o programa é ministrado, tendo sido encontrados indicações para este ano de R\$ 500, R\$ 1.000, R\$ 1.300 e até R\$ 1.700.

Conforme pesquisa realizada com os participantes do Empretec pelo próprio Sebrae no ano de 2016, vemos que para 76% dos participantes, os seminários ajudaram ou influenciaram na decisão de abrir um negócio, 67% declararam um aumento do lucro ou renda após a participação, 62% disseram ter aumento nas vendas e mesmo para os que não possuíam e não abriram negócios, para 83% destes o curso melhorou a empregabilidade. A avaliação geral está em 9.1 com 74% avaliando o Empretec com 9 ou 10, nota máxima.

Empretec centres' summary table

Main figures⁴

COUNTRY	DIRECTOR/COORDINATOR	YEAR OF INCEPTION	2016 DATA		OVERALL DATA	
			ETWs	PEOPLE TRAINED	ETWs	PEOPLE TRAINED
Argentina	Mr. Ricardo Finkelsztein	1988	19	420	316	7690
Benin	Mr. Dorothé Gounon	2000	4	90	158	4706
Botswana	Mr. Dennis Maswabi	1997	4	150	133	2800
Brazil	Ms. Alessandra Cunha Souza	1993	624	13436	10529	245557
Cameroon	Ms. Mireille Menanga	2015	4	105	12	294
Chile	Mr. Andrés Jara Valdivia	1990	0	0	113	2816
Colombia	Ms. Jakeline Ferro Rojas	1996 ^(a)	20	388	195	3089
Dominican Rep.	Mr. José Miguel Checo	2007	-	-	26	754
Ecuador	Mr. Santiago Ruales	2014	12	334	34	1030
El Salvador	Ms. Haydée de Trigueros	2000	-	-	153	3581
Ethiopia*	Mr. Dugassa Tessema	2013 ^(b)	115	4555	660	78719
Gambia	Mr. Momodou Drammeh	2014	20	455	39	1929
Ghana*	Mr. Nana Tweneboa-Boateng	1990	-	-	123	30906
Guatemala	Mr. Alvaro Urruela Aycinena	2001	-	-	187	3820
Guyana	Ms. Judy Semple-Joseph	2003	0	0	13	350
India	Mr. Arnab Chakraborty	2014	4	96	11	237
Jordan	Mr. Nayef Z. Stetieh	2002	2	32	81	1683
Mauritius	Mr. Sanjay G. Mungur	2000	4	122	38	1349
Mozambique	Mr. Evaristo Jordão Vilanculos	2000	2	24	77	1646
Nigeria	Ms. Owanari B. Duke	1999	-	-	38	890
Panama	Ms. Lourdes Navarro de Becerra	2000	9	211	49	1247
Paraguay	Mr. Edgar Ortellado Brizuela	2015	3	82	6	152
Peru	Mr. Renán Bartra	2010	-	-	40	861
Romania	Mr. Ovilii Dan Burcea	2003	4	113	63	2113
Russian Fed.	Mr. Dmitri Croitor	2011	-	-	17	300
Saudi Arabia	Mr. Ghada Al-Arbi	2014	-	-	13	307
South Africa	Mr. Mendu Luhabe	2010	10	250	53	1684
Tanzania	Mr. Benedict Lema	2008	2	75	25	745
Uganda	Mr. Charles Ocici	2001	2	56	67	1680
Uruguay	Ms. Paola Albé	1989	0	0	109	2500
Venezuela	Mr. Oscar Murillo	2000	2	70	67	1605
Viet Nam	Ms. Nguyen Thi Minh Thuy	2010	0	0	24	461
Zambia	Mr. Gabriel Musentekwa	2010	2	57	18	407
Zimbabwe*	Ms. Sibisisiwe P. Bango	1992	-	-	133	15000
TOTAL			868	21121	13620	422908

(a) With CaFam since 2007

(b) Under the Entrepreneurship Development Centre of Ethiopia

* Overall data on people trained include also other types of behavioural training

⁴ The Empretec centres in the table are the ones in operation in 2016. Centres not listed in the table have not reported any activity for the past three years.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Começamos nossas considerações finais a respeito do Empretec, a partir do que pode ser visto conforme a tabela acima, que traz os números do ano de 2016 a respeito de cada um dos 39 Centros Empretec espalhados pelo mundo, como ano de início, quantidade de treinamentos dados e pessoas treinadas no ano de 2016 e o acumulado.

De acordo com os números disponibilizados, em termos quantitativos, o Empretec é um case de sucesso no Brasil (245 mil), Etiópia (78 mil), Gana (30 mil) e Zimbábue (15 mil), onde historicamente apresentam números acumulados acima da casa dos 10 mil. Veremos que disparado o Brasil representa o case de maior sucesso do Empretec, representando mais da metade dos cursos e pessoas treinadas até então, o que nos leva a questionar até que ponto os dados apresentam números fiéis ou reais do programa.

No caso brasileiro, o Sebrae divulga que treina anualmente uma média de 10 mil pessoas ao ano, demonstrando que em números, anualmente temos mais empreendedores participando que em toda história do programa argentino. A possível inconsistência dos dados pode ser gerada se observamos o Empretec na Argentina, primeiro país a receber tal treinamento em 1988, que segundo os dados da Fundación Empretec, órgão responsável por ministrar o treinamento em território argentino, no ano de 2017 capacitou mais de 400 empreendedores em 18 rodadas, totalizando em mais de 7.500 “empretecicos” desde seu início.¹

Entretanto, deve ser levado em consideração que, em termos estatísticos, os dados disponibilizados pela UNCTAD são reflexos dos dados passados por cada Centro Empretec.

Ao longo da coleta de dados, buscamos junto ao Sebrae questionamentos sobre o programa no Brasil e tivemos como resposta que não havia informações de fácil e livre acesso, e o que havia poderíamos encontrar na internet ou site do Sebrae (o que compões grande parte dos dados deste estudo de caso). Inclusive um estudo de mestrado que foi utilizado na pesquisa apontava as mesmas dificuldades em aprofundar-se sobre o programa oferecido no Brasil, por conta de não autorização pela coordenação de São Paulo.

Tais circunstâncias levantam dúvidas quanto aos números, contudo também se poderia entender que tais medidas buscam proteger o sucesso do treinamento oferecido exclusivamente pelo Sebrae e de certificação internacional e alta credibilidade, criando algumas barreiras para possíveis concorrências de cursos para empreendedores, ou mesmo para que se mantenha o nível de eficácia do efeito do programa nos participantes, uma vez que o conteúdo e as dinâmicas são as mesmas, o que faz inclusive que os participantes assinem uma cláusula de confidencialidade sobre o conteúdo do Seminário.

De uma forma ou outra, em termos de políticas públicas, podemos dizer que o Empretec é um programa de sucesso à medida que traz uma maior capacitação técnica e comportamental aos empreendedores que participam dela, dando maior subsídio à evolução do ambiente empresarial dos países aos quais ela é aplicada, como menor taxa de mortalidade de empresas, aumento da eficiência das empresas, aumento da renda e diminuição das taxas de desemprego, ao menos segundo pesquisas realizadas com egressos do treinamento, em específico no caso do Brasil.

No âmbito internacional, vemos a importância de se pensar políticas públicas para o empreendedorismo de maneira global, não deixando o assunto apenas com as entidades privadas ou dependendo somente de indivíduos excepcionais. Mais próximo a uma visão de “Estado empreendedor” de Mazzucato, junto ao de políticas públicas multicêntricas, a efetividade do Empretec mostra um caminho para outras ações coordenadas por vários protagonistas em prol do desenvolvimento do empreendedorismo e consequentemente da sociedade.

Questões a respeito do estudo de caso

a) Qual o conceito de empreendedorismo segundo a visão da UNCTAD e qual possíveis consequências de seguir utilizando essa visão?

b) Qual a metodologia utilizada no Empretec e quais as características comportamentais essenciais?

¹ Fonte: <https://www.empretec.org.ar/prensa.php>

c) Com os números de cada Centro Empretec e a tabela de serviços oferecidos por cada um, quais inferências podemos tirar?

d) O sucesso do Empretec no Brasil é por causa do Sebrae ou o sucesso do Sebrae é consequência do Empretec?

Referências

COSTA, A. M.; BARROS, D. F.; CARVALHO, J. L. F. . **“A Dimensão Histórica dos Discursos acerca do Empreendedor e do Empreendedorismo”**. RAC, Curitiba, v.15, n. 2, art.1, pp.179-197, mar./abr. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rac/v15n2/v15n2a02.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2015.

DEES, J. Gregory. **The Meaning of Social Entrepreneurship**. Stanford University – Graduate School of Business, 2001. Tradução: Victor Ferreira. Revisão: Peiman Milani. Disponível em: <<http://www.uc.pt/feuc/ceces/ficheiros/dees>>. Acesso em: 13 set. 2015.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. 3 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

GABRIEL, Gustavo de Souza. **História e conceito do empreendedorismo**. 2013. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/gustavodesouzagabriel/histria-e-conceito-do-empreendedorismo>>. Acesso em: 13 set. 2015.

MARTES, Ana Cristina Braga. **Weber e Schumpeter: a ação econômica do empreendedor**. In: Revista de Economia Política, vol. 30, n.2 (118), pp.254-270, abr.jun. 2010.

MAZZUCATO, Mariana. **O estado empreendedor: desmascarando o mito do setor público vs. setor privado**. Tradução: Elvira Serapicos. 1ª ed. São Paulo: Portfolio-Penguin, 2014.

MELO, Natália Maximo e. **SEBRAE e empreendedorismo: origem e desenvolvimento**. São Carlos: UFSCar, 2008.

SOUZA, Celina. **Políticas Públicas: uma revisão da literatura**. Sociologias. Porto Alegre, ano 8, nº 16, jul/dez 2006. P 20-45.

OLIVEIRA, Everton Ferreira de. “Empreendedorismo: evolução histórica, definições e conceituações associadas ao contexto brasileiro”. In: **Anais do VIII Workshop**

EmpreenderSur. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2015. Disponível em: <[http://www.researchgate.net/profile/Ana_Maria_Carrao3/publication/279860712_Sob_anlise_a_abertura_de_negcios_como_indicador_de_formao_empreendedora/links/559c825708ae7f3eb4d028be.pdf#page=283](http://www.researchgate.net/profile/Ana_Maria_Carrao3/publication/279860712_Sob_analise_a_abertura_de_negcios_como_indicador_de_formao_empreendedora/links/559c825708ae7f3eb4d028be.pdf#page=283)>. Acesso em: 14 set. 2015.

UNCTAD – United Nations Conference on Trade and Development. **Empretec Network: Impact and Success Stories**. 2017. Disponível em: <Disponível em: http://empretec.unctad.org/wp-content/uploads/2018/05/1806273E_WEB.pdf>. Acesso em: 22 mi. 2018.

Recebido em 26 de novembro de 2018.

Aceito em 17 de dezembro de 2018.